

PIB e Performance do Agronegócio





Perspectivas 2017

MESMO COM A ECONOMIA BRASILEIRA VOLTANDO PARA OS EIXOS EM 2017, O AGRONEGÓCIO NOVAMENTE DEVERÁ SER O SETOR COM MAIOR CRESCIMENTO

A redução da liquidez global e dos estímulos monetários dos países desenvolvidos deve ser a pauta da economia para o próximo ano. Este cenário irá refletir diretamente no câmbio brasileiro. O desafio agora é propiciar aos agentes econômicos um ambiente favorável para ampliação dos investimentos e crescimento do PIB, colocando a economia nos eixos com a redução do endividamento do governo e a queda da inflação.

O produto interno bruto (PIB) do agronegócio deve crescer 2% em 2017, enquanto o desempenho estimado para o PIB da economia é de expansão de 1,1%. Esta é a projeção da CNA para o próximo ano em relação a um dos principais indicadores macroeconômicos.

O crescimento esperado de 2% para o agronegócio reflete o baixo desempenho esperado da agroindústria no próximo ano. A expectativa de uma boa safra e o câmbio devem influenciar positivamente os setores de insumos e a produção primária. A agroindústria e o setor de serviços e distribuição ainda sentirão os efeitos da crise econômica pelo menos até o final primeiro semestre de 2017, comprometendo um crescimento mais robusto do indicador.

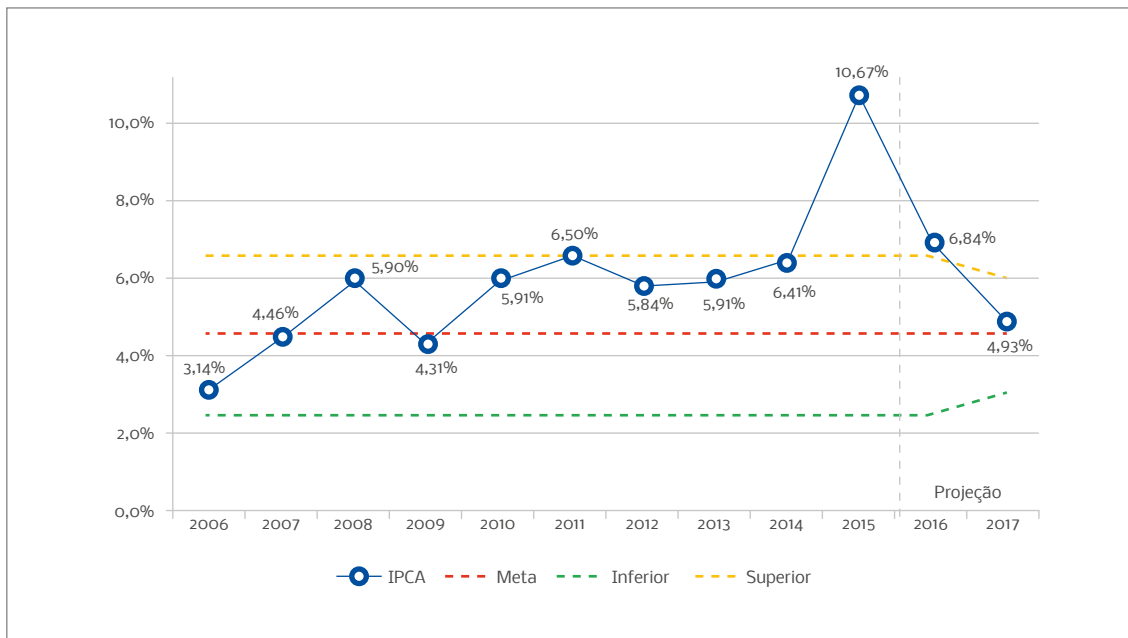
O crescimento no PIB total, embora modesto, será reflexo de uma série de ações do atual governo, como a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 241, que limita o crescimento dos gastos governamentais nos próximos 20 anos, a reforma da previdência social e uma reforma tributária parcial, que deve ser apresentada no primeiro semestre de 2017.

Essas ações e propostas do governo federal fazem com que os agentes econômicos mantenham boas perspectivas para a economia brasileira. As expectativas positivas já estão sendo precificadas na taxa de câmbio, na inflação e na classificação de risco pelas agências internacionais.

É importante destacar que o crescimento previsto para a economia deve ser puxado pela demanda interna - tanto pelo consumo quanto pelos investimentos das famílias - mas se dará de uma forma mais lenta do que observado em outros períodos. Isso se deve ao grande peso das dívidas nos orçamentos familiares, ocasionadas pelo desemprego ou pela ausência de aumentos salariais reais.

Em 2017, a inflação brasileira deve se acomodar em níveis dentro do limite superior da meta (gráfico 1). As medidas adotadas pelo governo até o momento para conter a escalada de preços estão acarretando resultados positivos. As últimas atas do Comitê de Política Monetária (Copom) apontam que a inflação apresentou números favoráveis nos últimos meses de 2016, principalmente por conta dos reajustes negativos em alguns preços controlados, como combustíveis e tarifas de algumas distribuidoras de energia elétrica.

Gráfico 1. Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA)



Fonte: IBGE; (2016 e 2017 - projeção Boletim Focus 11/11/2016); Elaboração CNA.

A estabilização da inflação, associada à retomada do crescimento econômico e à estabilização do câmbio (gráfico 2), permitirá que a autoridade monetária consiga reduzir o nível da taxa básica da economia (Selic) para a casa dos 10,75% ao final de 2017, fato que deverá contribuir para a redução das taxas de juros aplicadas sobre o crédito rural no próximo Plano Agrícola e Pecuário.

Gráfico 2. Câmbio (R\$/US\$ até 31.10)



Fonte: BCB; (média 2016 e 2017 Boletim Focus11/11/2016); Elaboração CNA.

Quanto ao nível de emprego, as melhoras só serão percebidas no médio prazo (entre o final de 2017 e o início de 2018), após os ajustes da economia para a retomada do crescimento econômico. A taxa de desemprego tende a ser a primeira afetada em períodos recessivos e a última que apresenta melhoras. Os níveis de produtividade do trabalho em 2017 deverão alcançar os patamares observados antes da crise, o que deve reduzir a taxa de ociosidade hoje presente em toda a economia brasileira.

Balanço 2016

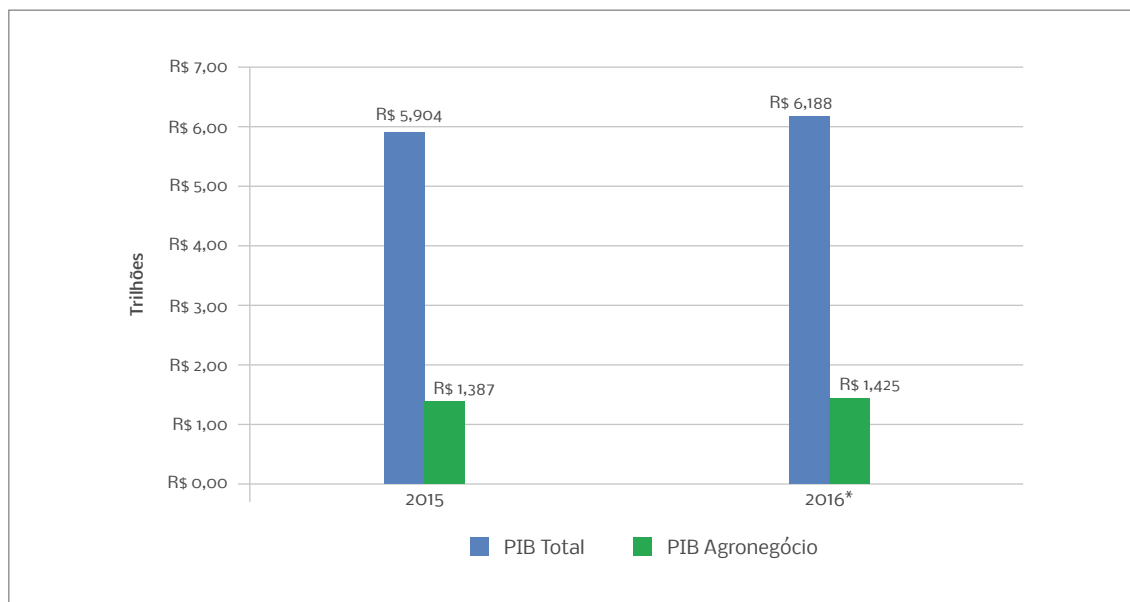
SETOR AUMENTA PARTICIPAÇÃO NO PIB TOTAL

Os números previstos para a variação do PIB do Brasil em 2016 não são nada animadores. De acordo com os resultados preliminares - até junho - do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o indicador apresentou queda de 4,6% em relação ao mesmo período de 2015.

Com este resultado, 2016 será o quarto ano consecutivo em que o PIB cai no primeiro semestre, fato que nunca foi observado desde o início da série histórica, em 1996. Segundo as estimativas, este número deve ser um pouco melhor no acumulado até dezembro, atingindo queda de aproximadamente 3,3%.

Diferentemente do resultado global do Brasil, o PIB do agronegócio deve crescer entre 2,5% e 3% em 2016, demonstrando, assim, que o setor sofreu menos que os demais setores da economia em um ano tão adverso (gráfico 3). Este resultado ampliará a participação do setor na economia, devendo atingir aproximadamente 23% do total do PIB brasileiro.

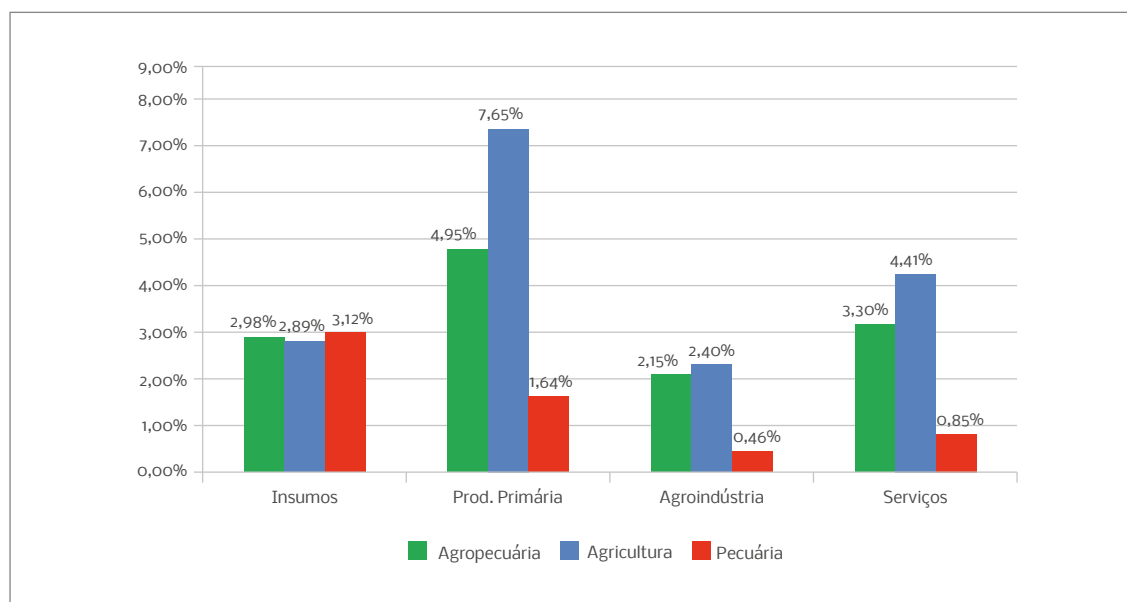
Gráfico 3. Projeções da variação do PIB total e agronegócio



Fonte: IBGE e Cepea/USP; 2016 projeção Núcleo Econômico/CNA.

O PIB do agronegócio considera os segmentos de insumos, produção primária, agroindústria e serviços, tanto no ramo agrícola quanto no pecuário. Até agosto, o indicador apresentou variação de 3,4% em 2016, com destaque para o segmento da produção primária, que apresentou crescimento de 4,95%, seguido por serviços, que cresceu 3,30%, insumos, 2,98%, e a agroindústria, 2,15% (gráfico 4).

Gráfico 4. Taxas de crescimento acumuladas em 2016 (%) (jan-ago)



Fonte: CNA e Cepea/USP.

É importante destacar que essa variação até agosto não contempla as quedas nas produções e preços visualizadas em setembro, outubro e no início de novembro, fazendo com que esta projeção esteja superdimensionada.

A variação entre os segmentos agrícola e pecuário ocorreu de forma semelhante em todos os setores pesquisados, com destaque para o setor primário, ou dentro da porteira. A queda de 4,84% na produção de produtos agrícolas não foi suficiente para afetar o crescimento do indicador do PIB primário, visto que a alta de 18,5% nos preços médios reais impulsionou o resultado dentro da porteira. A pecuária não se beneficiou de crescimento tão robusto nos preços quanto a agricultura, apresentando crescimento de 2,9% nos preços. Já na produção, houve queda estimada em 0,35% quando comparado a 2015.

Esses números são reflexo do ambiente macroeconômico brasileiro, principalmente nas atividades agropecuárias diretamente ligadas ao consumo interno. Com a queda na atividade econômica, índice de desemprego atingindo 11,4% e a inflação ainda acima da meta, os produtos com maior participação na pauta de exportações seguiram as tendências altistas de preços, enquanto que os de consumo doméstico não apresentaram crescimentos reais de preços.